

O MUNDO EM AMARELO

S 21

Na última quinzena de Novembro o site de partilha de vídeos Dailymotion recebeu mais de 120.000 visitas em França, só à conta de uma única cena. No dia 15, o quinto episódio da 21.ª temporada da série *The Simpsons* retrata a primeira-dama Carla Bruni a insinuar-se junto de um dos personagens e mais tarde é o próprio presidente Sarkozy a aparecer, enquanto come um queijo Camembert. A polémica estalou em França, mas não é nada a que os Simpsons não estejam habituados. O episódio *E Pluribus Wiggum*, em que se comentava que na ditadura de Péron, quando se desaparecia, era para sempre, foi censurado na Argentina. A forma como o Rio de Janeiro foi retratado em *Blame It on Lisa* mereceu críticas no Brasil, inclusive do então presidente Fernando Henrique Cardoso. E a série foi suspensa na Venezuela, sob a alegação de que não era apropriada para as crianças.

Vinte anos depois da primeira emissão em nome próprio, os Simpsons continuam em boa forma e a fazer aquilo que melhor sabem – satirizar as contradições e os ridículos do estilo de vida e dos valores da sociedade contemporânea através de uma família da classe média americana que vive na cidade imaginária de Springfield.

Foi a 17 de Dezembro de 1989 que foi para

o ar o primeiro episódio de *The Simpsons* “em nome próprio”. Para trás ficavam 48 clips que raramente ultrapassavam o minuto e meio e que integraram, entre Abril de 1987 e Maio de 1989, o programa *The Tracey Ullman Show*. Desde aí, a fama das personagens criadas por Matt Groening não parou de crescer, uma popularidade atestada por uma quantidade enorme de prémios, participações especiais de vedetas de todo o mundo, produtos de merchandising ou sites na internet.

No início, a série centrava-se na disfuncionalidade dos cinco membros da família Simpson – Homer e Marge, mais os filhos Bart, Lisa e Maggie. Bart era a estrela, um pequeno terrorista em miniatura sempre pronto a dinamitar as convenções e os bons costumes. Depois, a incompetência, a ignorância e a preguiça de Homer foram também tomando conta da atenção dos espectadores. No final da primeira década havia já um conjunto de personagens que davam visibilidade a toda uma panóplia de estereótipos – Krusty, a estrela decadente e cheia de vícios; Edna, a professora amarga e solitária; Skinner, o director de escola cuja vida familiar é dominada pela mãe; Barney, o alcoólico sem amor próprio; Wiggum, o chefe de polícia incompetente e discredito; Quimby, o presidente da câmara mulherengo e corrupto;

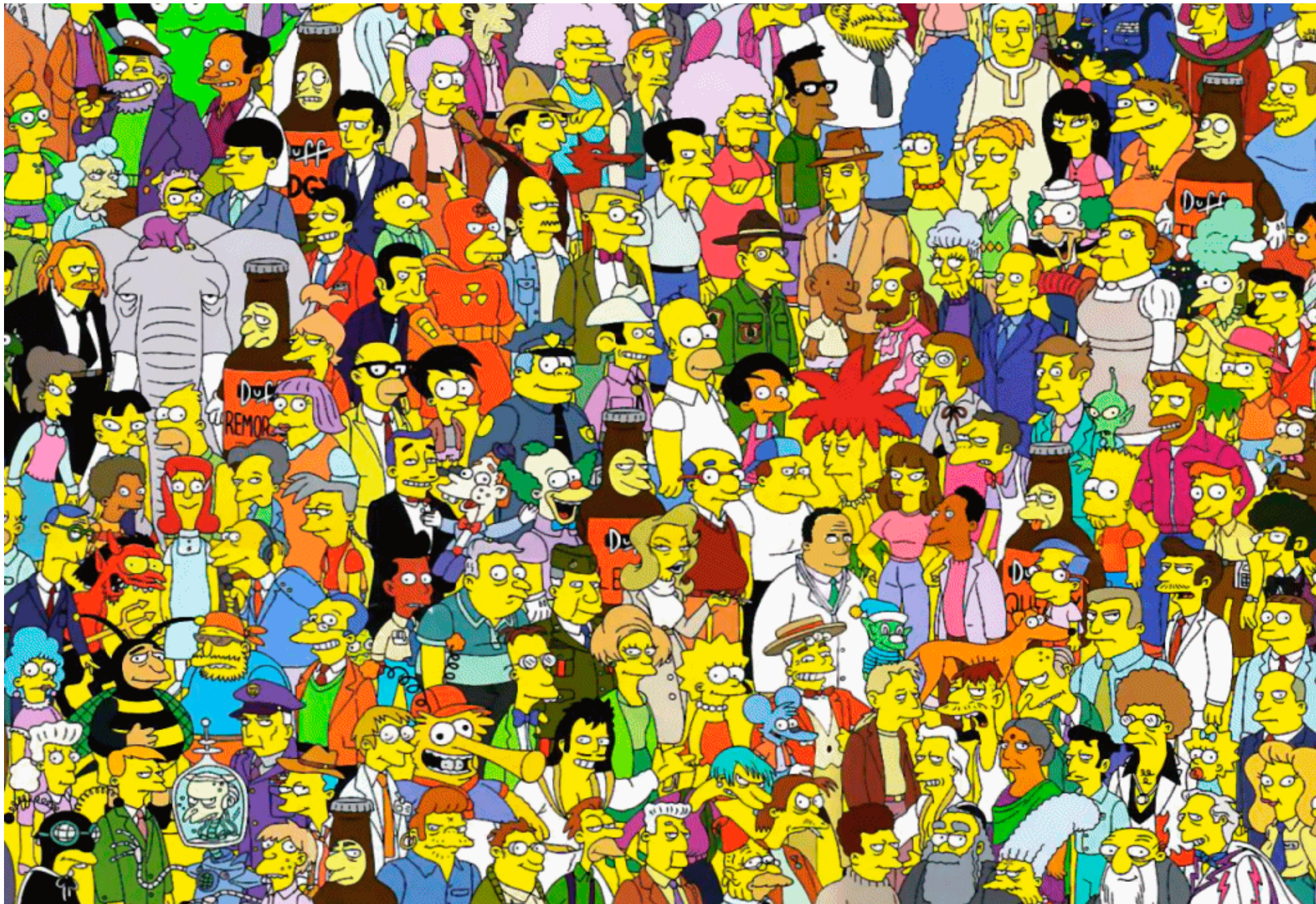
e tantos, tantos outros. No fundo, não eram já os Simpsons que nos levavam a sentar em frente à televisão... era toda a cidade de Springfield.

Em *Rosebud*, episódio emitido na quinta temporada, a família Simpson é convidada para a festa de aniversário de Mr. Burns, o repelente milionário de Springfield. À porta, depois de darem lugar a Richard Nixon e Ronald Reagan, dois seguranças barram a passagem a Jimmy Carter e a George Bush com a explicação de que “só entram ex-presidentes com dois mandatos”. Para além da genialidade do gag, a cena representa na perfeição a relação dos Simpsons com o mundo. Tal como ainda recentemente acontecia quando os portugueses Gato Fedorento se puseram a esmiuçar os sufrágios, ninguém é muito bem tratado numa passagem pela série, mas pior do que isso é não aparecer por lá. No entanto, os criadores do programa são generosos – a lista de celebridades que aceitou o convite chega quase às duas centenas. A maioria provém do show business (músicos, actores, apresentadores...) mas há também políticos, desportistas, escritores e até cientistas. Quase todos se disponibilizaram para dar a sua voz (Tony Blair aceitou o repto), alguns tiveram de ser imitados. Barack Obama também já foi convidado. Se aceitar, será o pri-

meiro presidente em exercício a dar voz a um boneco animado. Tem ainda algum tempo para o fazer. Para já, os Simpsons têm continuidade assegurada até Maio de 2012, altura em que terminará a 22.ª temporada. Mas o sucesso da família mais disfuncional da América poderá bem levar a série a prolongar-se por outros 20 anos. Então, até 2029!

Artur Abreu

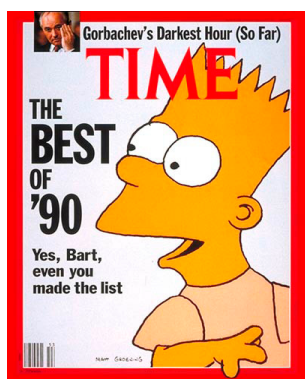
P.S. – Uma das características dos Simpsons são as cores vivas e garridas, com o predomínio evidente do amarelo. Por esse motivo, a versão online deste S_21 é editada a cores (mas a devoção que o editor do S_21 e autor deste texto tem devotado aos Simpsons desde que, em 1991, a série começou a ser emitida em Portugal, também explica muita coisa). Esta edição especial encontra-se no site do Correio da Beira Serra, a partir do qual pode ser feito o *download*.



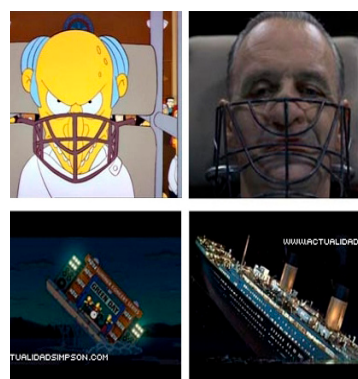
VIAGEM POR SPRINGFIELD

SIGA O PERCURSO E TESTE OS SEUS CONHECIMENTOS

A equipa de produtores dos Simpsons está "cansada e francamente rica para cuidar mais disto" (sic). Por isso anunciou o concurso *Unleash Your Yellow*. Os concorrentes terão que inventar um novo personagem, para o qual deverão criar um nome, um slogan e uma breve descrição. O vencedor irá a Los Angeles e trabalhará com a equipa que prepara o episódio a exibir a 31 de Janeiro de 2010. Acha que podia viver em Springfield? Siga-nos e terá a resposta.



O título da Time publicada a 31 de Dezembro de 1990 não deixava dúvidas sobre o seu conteúdo – *The Best of '90*. A maior referência mundial da imprensa escrita revia o que de melhor tinha ocorrido durante esse ano e não hesitava em colocar Bart na capa. Se a Time quisesse ser mais arrojada também poderia ter escrito *The Best of '90's*. Na década que se iniciava, os Simpson viriam a ser uma referência da animação, do humor e da irreverência.



As citações cinematográficas são uma constante nos Simpsons. Há de tudo – desde simples citações ou cenas curtas decalcadas de filmes a episódios inteiros que recriam completamente obras marcantes do cinema, como *Citizen Kane* ou *O Cabo do Medo*.

O site espanhol *actualidadsimpson* regista e ilustra mais de um milhar de cenas inspiradas no cinema, citando cerca de cem filmes.



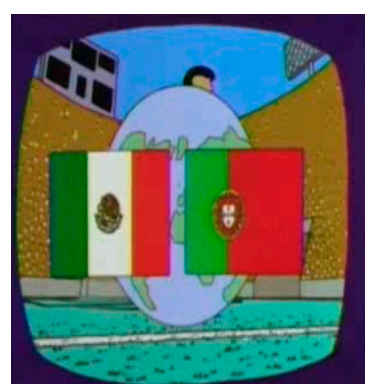
Angola recebeu os Simpsons em Agosto passado e a agência publicitária encarregada de promover a chegada da série não esteve com meias medidas – transformou a família num clã tipicamente angolano, logo a começar pela cor da pele, que se tornou castanha. Concebida apenas para fins de promoção, a mudança inclui cabeleiras rastas para Lisa e Maggie, carapinha para Bart e chinelinhos para todos. Ah! E Homer abandonou a incontornável cerveja Duff, que substituiu por uma bem mais característica Cuca.



Vinte anos após a sua estreia na televisão, Marge Simpson, que não envelheceu uma ruga, aceitou finalmente um convite inimaginável. Mesmo sendo mãe de família e com três filhos, aceitou posar para a revista Playboy norte-americana que, dada a grandiosidade do momento, lhe ofereceu a capa da edição de Novembro de 2009. Uma edição histórica! E não, não é preciso importá-la. A edição portuguesa deste mês seguiu o exemplo da "mãe" americana e colocou Marge como estrela principal.



Os Simpsons tornaram-se, há pouco mais de dois meses, na série com mais anos de emissão na história da televisão. O regresso da família aos ecrãs americanos em Setembro passado deu início à 21.ª temporada, o que lhe permitiu ultrapassar *Gunsmoke*, série de western que passou pelos televisores americanos entre 1955 e 1975. O primeiro episódio emitido no novo ano, a 10 de Janeiro próximo, será o 450.º da série que decorre em Springfield.



No episódio *The Cartridge Family*, exibido na nona temporada, Homer e Bart assistem no estádio à final do Campeonato do Mundo de Futebol, (o soccer americano). Os finalistas? México e Portugal! Com uma noção perfeita de como se joga bom futebol Homer não tem dúvidas e exclama: "I kill myself if Portugal doesn't win!"



Não fazia ideia do que aqui foi dito? Certamente que agora não terá qualquer dificuldade em se bater de igual para igual com os melhores especialistas "simpsonizantes".

Conhecia a maioria dos factos? Podia viver em Springfield. A sua foto merece estar aqui!

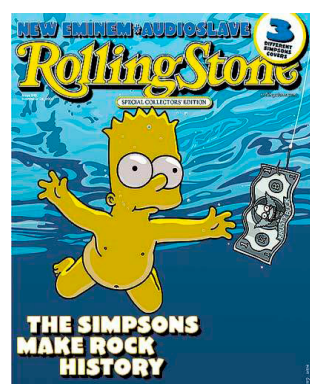
(Mas esqueça o concurso, porque o vencedor já foi encontrado. Ricardo Bomba será o novo personagem e entrará na série a 31 de Janeiro de 2010!)



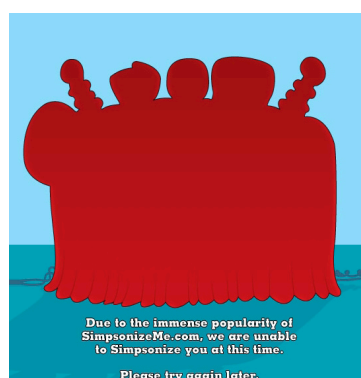
O aumento recente da popularidade das séries televisivas não poderia deixar de se ter eco nos Simpsons. Séries clássicas como *Bonanza* ou *Star Trek* foram há muito citadas, mas as últimas referências reflectem a chamada segunda época de ouro. A multi-premiada *Mad Men* já foi objecto de uma paródia, e Kiefer Sutherland deu voz ao agente Jack Bauer em 24 *Minutes*, um episódio feito "à maneira de" 24.



O Livro de Recordes Guinness cita os Simpsons como a "Série Animada Com o Maior Número de Participações Especiais". São centenas as estrelas que já acederam a dar a voz a personagens que visitam Springfield, a maioria das quais representando-se a elas próprias. As provenientes do mundo da pop constituem a maioria. Do sector mais underground (Sonic Youth, White Stripes...) aos grupos hiper-mediaticizados (Queen, Coldplay...) a lista é enorme e contém mesmo três dos Beatles.



A 15 Fevereiro de 2009, ao 430.º episódio, o genérico da série, que vigorava desde a primeira temporada, foi remodelado. Mantêm-se as cenas características – o grande plano sobre Springfield, o quadro onde Bart escreve e o seu passeio de skate, as compras de Marge, o despegar de Homer na central nuclear – mas em todas foram introduzidos novos personagens, tornando a abertura mais próxima daquilo que são actualmente os elementos fundamentais da série. A inauguração do genérico coincidiu com o início da transmissão em HDTV.



Due to the immense popularity of SimpsonizeMe.com, we are unable to Simpsonize you at this time. Please try again later.

Criado em 2007, o site <http://simpsonize.com> permite aos utilizadores serem "simpsonizados", devendo para tal disponibilizar uma fotografia que depois é devidamente adaptada ao design dos Simpsons. A enorme afluência ao site fez com que, desde há poucas semanas, tenha entrado em remodelação, estando actualmente parado. Entre outros constrangimentos, a decisão impediu a publicação das fotos "made in Springfield" da equipa que faz o S_21.



Em Maio deste ano o serviço postal dos estados Unidos lançou uma série de cinco selos com as efígies dos membros da família amarela mais famosa de Springfield. Cada selo tem o valor de US\$ 0,44. Matt Groening considerou o lançamento "a maior homenagem adesiva que os Simpsons já receberam".



Em *Stark Raving Dead*, emitido em 1991, Homer é internado num hospício, onde conhece um personagem obeso e doente mental que se identifica como Michael Jackson e tem o mesmo tom de voz. Só em 2003 foi revelado que quem deu voz ao personagem foi mesmo o cantor, que utilizou o pseudónimo de John Jay Smith, tendo a sua participação sido ocultada por problemas contratuais. O episódio voltou a ser emitido em Julho de 2009, como parte das homenagens feitas a Jackson.

UHF... AINDA É ROCK!

Já ultrapassaram os 30 anos de actividade e permanecem como a banda que criou Cavalos de Corrida, um dos melhores temas jamais escritos por uma banda rock portuguesa. Em 1985 estiveram em Oliveira do Hospital – se excluirmos uma passagem sem graça dos Roquivarius pela velha Casa do Povo, terá sido o primeiro concerto rock visto por estas terras. “UHF É Rock”, dizia na altura o slogan. Agora regressaram. Estiveram no pavilhão Serafim Marques a 14 de Novembro e, com uma tradição de ver e organizar concertos ainda pouco sedimentada, talvez tenham sido (se a memória não engana) a primeira banda de dimensão nacional a passar duas vezes por um palco do concelho. Foi um bom pretexto para falar com António Manuel Ribeiro.

Vinte e quatro anos depois, os UHF regressaram a Oliveira do Hospital. O que é que mudou em 24 anos? Ou melhor... o que é que mudou nos mais de 30 anos que os UHF já levam de música?

Bem, quando entrei em Oliveira de Hospital compreendi que tinha perdido todas as referências de há duas décadas atrás, excepto algumas curvas no caminho, e o bucolismo da paisagem.

Em 24 anos os UHF tornaram-se em algo sério e fecundo no panorama da música portuguesa. Em 1985, um tempo de grandes convulsões internas, havia um mar de dúvidas a submergir a lucidez e a criatividade.

Confesso que não via o grupo há mais de uma década. Fiquei impressionado com a força que ainda têm em palco e com a forma como, em duas ou três ocasiões, AMR conseguiu, apenas com as suas palavras, levar ao rubro uma plateia ligeiramente amorfa. A força dos UHF está nas canções ou na men-



sagem do seu líder? Passa mais pelo estúdio ou pelo palco?

Os UHF têm um discurso poético e até político muito denso. Interagir com quem penetra as portas de um concerto é uma urgência que cresce com o decorrer do espectáculo. É assim que nós vemos a comunicação que o rock pode produzir – mexer com as pessoas.

O estúdio e o palco são as duas faces que completam a moeda musical: no primeiro elaboramos, fixamos a obra; no segundo partimos para a partilha das emoções, a festa, o encontro.

Os UHF foram dos primeiros grupos em Portugal a tomar o seu destino nas mãos – management, editora, promoção, tudo é controlado pelo grupo. Ainda teríamos UHF se esse passo não tem sido dado?

Não sei, francamente não sei. Há boas empresas musicais em Portugal e muitos, mas mesmo muitos pequenos vigaristas. Tomar o destino do nosso percurso é sobretudo impedir que os chamados ‘acazos’ ou ‘azares’ tão

lusitanos afectem o planeamento das nossas vidas e a obra que queremos produzir.

A internet e as novas condições de gravação e promoção têm invertido as prioridades dos músicos. Para muitos, hoje, a gravação é uma forma de promover o “ao vivo”, numa inversão total da lógica que prevaleceu até aos primeiros anos deste século. Como lidam os UHF com a nova realidade?

Adaptámo-nos, desmontando o que se passa à volta. A era digital revolucionou a troca comercial, a venda do produto. Mas é preciso cuidado, ou a mediocridade caseira devastará todos os avanços, desafios e riscos que conquistámos. Os estúdios profissionais não vão morrer, nem os técnicos profissionais, nem os produtores, nem as exigências de subir mais alto na montanha. A chamada democratização na divulgação de obras musicais é feita à custa de muito carolice e ingenuidade. Só que se o pão é pago, umas calças são pagas e um lápis também (penso que ainda se lembrarão que os lápis servem para escrever) porque é que a

música tem de ser roubada?

Há 25 anos qualquer melómano sabia dizer de cor a formação dos UHF. Depois foi-se tornando difícil acompanhar as entradas e saídas de músicos. Hoje, mais do que nunca, os UHF são a banda que acompanha António Manuel Ribeiro. Porque razão tem insistido em manter o nome do grupo e nunca se assumiu como um cantor a solo?

As razões são várias. No entanto, esta formação está junta há mais de dez anos e é a mais duradoura de sempre.

A primeira vez que me propuseram gravar um disco a solo foi em finais de 1982, depois de termos trocado a Valentim de Carvalho pela Rádio Triunfo. Como percebi que havia muita malícia nesse convite ganhei os anticorpos suficientes para não matar os UHF.

Em S. Paio de Gramaços encontrava-se entre a assistência um grupo de fãs vindo expressamente da zona da Grande Lisboa. Que papel têm os fãs na vida dos UHF?

De Lisboa e do norte, região de Viseu. Os fãs são um espelho daquilo que uma banda produz, aprofundam a nossa importância e polarizam as fragilidades, prologando a ideia que as canções sustentam. São críticos, são exigentes; são os amigos que se espalham por todo o país e enformam a nação dos UHF.

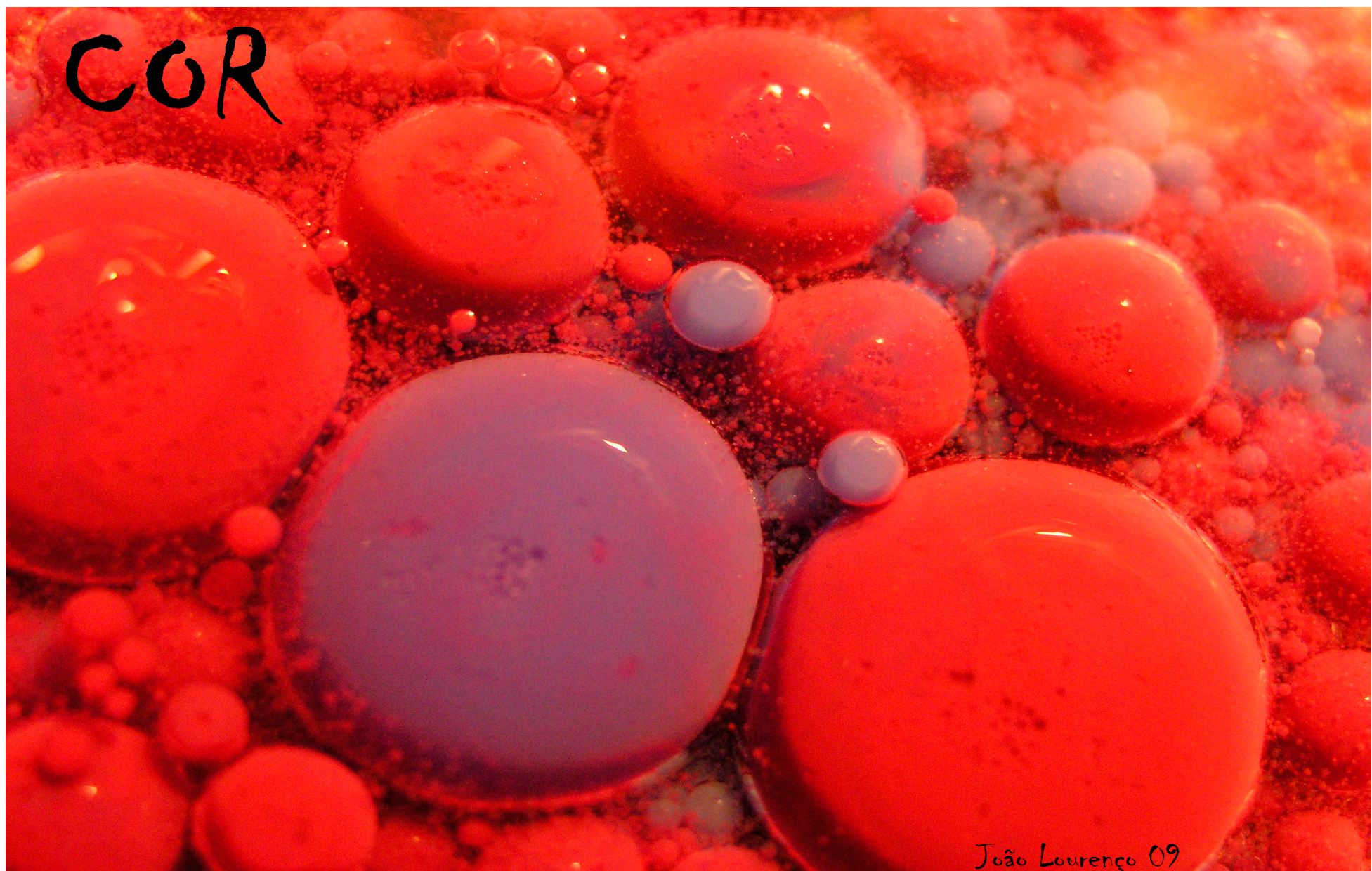
Artur Abreu

f

RASE REAL

«Quero ser uma ponte para outros, não quero escrever o meu livrito.»

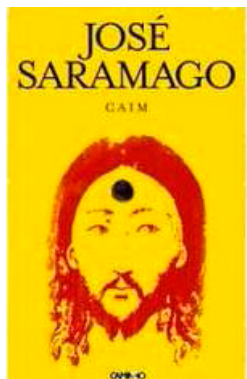
Pilar del Rio, Pública, 15 Nov 09



João Lourenço 09

3 PISTAS

LETRAS

TANTO CAIM
POR NADA

O novo livro de José Saramago, *Caim*, é mais um bom livro do autor, embora distante das suas grandes obras.

O livro é ficção e literatura puras. É mais nada. Ponto final. Deve ser lido, lê-se bem e até chega a ser divertido!

Muito do que é o Saramago escritor está neste livrinho de número de páginas inferior a 200: fantástica imaginação, sempre com fio-condutor; metáforas geniais; sarcástico, provocador frio e amargo e requintadamente humorado e..., como não podia deixar de ser, o célebre estilo de escrita do Nobel nacional.

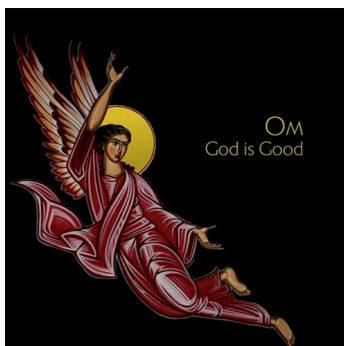
E, sobre este livro, está tudo dito. Boa leitura.

Vitor Neves

Caim, de José Saramago, Caminho, 2009

SONS

MANTRA ROCK



Om significa avati rak-sati, aquele que protege, que abençoa. É um mantra que é invocado para celebrar o nome divino através do som. Allen Ginsberg, por exemplo, usou-o por diversas vezes e por longas horas em manifestações pacíficas nos sessenta do século XX, nos

Estados Unidos da América. A dupla americana OM, formada actualmente por Al Cisneros no baixo e voz e Emil Amos na bateria, transporta esta ideia de mantra para a sua música. São rockers hipnóticos que celebram este seu estatuto em temas de longa duração, como aquele que abre *God Is Good*, o último registo discográfico. De facto, *Thebes*, assim se chama o tema, tem tudo para definir os OM: começa lento, hipnótico, cerimonial, celebrativo, para ao minuto oitavo irromper em força bruta de distorção provocada pelo baixo e assim continuar até ao fim, nos seus longos 19 minutos e 7 segundos. Embora esta não seja, de todo, a única fórmula dos OM, serve na perfeição para os retratar. Como quer que seja, eles vão mais longe, utilizando sonoridades hipnóticas devedoras da música para cítara, por exemplo (*Cremation Ghat II*) ou utilizando cadências rítmicas minimais de recorte oriental (*Cremation Ghat I*). Por algum motivo eles pertencem àquela estirpe de bandas que dão pelo nome de *drone rockers*, ou seja, tipos especializados em fazer com que uma única nota, ou sequência minimal de notas, se prolonguem por tempo indeterminado, que no caso dos OM pode ir até aos 21:18 de *On The Mountain At Dawn*, do primeiro registo de originais *Variations On A Theme*, lançado em 2005. Os OM são uma surpresa recente, portanto, sendo *Pilgrimage*, de 2007, o seu disco mais conhecido. Para ouvir, em repetição constante, como um mantra.

Luís Antero

OM, *God Is Good*, Drag City, 2009

IMAGENS

ESTRATÉGIA
DE REJUVENESCIMENTO

A mitologia *Star Trek* tem vindo a ser construída, desde que a primeira série estreou nos Estados Unidos, em 1966. Em Portugal, a série chegou apenas na segunda metade da década de 1970, e foi nessa altura que os portugueses contactaram com as aventuras do Capitão Kirk, de Mr. Spock e do Dr. McCoy, o “trio de ataque” da tripulação da nave espacial Enterprise. Desde aí, a história é conhecida – a reposição da série em diversos canais americanos fez crescer o culto, dando origem aos *trekkies*, fãs críticos mas incondicionais, que dominam como ninguém os códigos de *Star Trek*. Códigos que foram sendo aprimorados nos anos seguintes, ao longo da produção de mais quatro séries com personagens distintos, uma série de animação com os personagens originais e dez filmes para cinema (6 com os personagens iniciais, 4 com os de *Star Trek: The Next Generation*). A 11.ª longametragem chegou em 2009 e representa um novo passo na construção da mitologia – retoma os personagens da série original mas recua à época em que, ainda jovens e imaturos, se conheceram e viveram a primeira aventura conjunta.

Do ponto de vista comercial, a ideia é genial. Ao definir um conjunto de jovens actores que lhes permitiu rejuvenescer Kirk, Spock e companhia, os detentores dos direitos de *Star Trek* abriram uma porta que irá proporcionar, nos próximos anos, a realização de muitos filmes da marca, com a mais valia de serem protagonizados pelos personagens originais, ainda hoje os mais carismáticos do universo.

Do ponto de vista artístico, o novo *Star Trek*, que agora chegou ao DVD, parece ter ido buscar alguma inspiração a *Star Wars*, o “universo” de ficção científica com quem mais directamente disputa a atenção dos fãs do género. A juventude e irreverência dos protagonistas permitiu criar uma aventura mais dinâmica e movimentada, o que se traduz num filme escorrido e bem esgalhado, o ideal para ver ao final de tarde de um dos domingos chuvosos do Inverno que se aproxima.

Manuel Frade

Star Trek, de J. J. Abrams, DVD, 2009

BREVES CULTURAIS
SEMPRE ACTUAIS

Cinemateca de Toronto coloca filmes portugueses entre os melhores da década. A escolha foi feita por um painel de curadores, historiadores, arquivistas e programadores e colocou *Juventude em Marcha* e *No Quarto de Vanda*, dois filmes de Pedro Costa, nos 16.º e 17.º lugares, entre os 50 melhores filmes publicados desde 2000. *Vai e Vem*, de João César Monteiro, encerra a lista, que é encimada por *Syndromes and a Century*, do tailandês Apichatpong Weerasethakul.

Dogtooth venceu Estoril Film Festival. O filme do grego Yorgos Lanthimos recebeu o Grande Prémio da terceira edição de um festival que vê crescer a sua importância e mediaticidade. Houve ainda um Prémio Especial do Júri que recebeu o nome de João Bénard da Costa e foi entregue, ex-aequo às obras *Eastern Plays*, do búlgaro Kamen Kalev e *The Girl*, do sueco Fredrik Edfel-

dt. O festival organizado por Paulo Branco trouxe ao Estoril nomes como David Cronenberg, Juliette Binoche ou Francis Ford Coppola.

Wallace & Gromit completaram 20 anos. A popular dupla constituída por um inventor trapalhão e louco por queijo (Wallace) e o seu perspicaz cão de estimação (Gromit) foi criada por Nick Park e apareceu pela primeira vez em 1989 na curta-metragem *A Grand Day Out*, candidata ao Óscar da sua categoria, onde seria batida por *Creature Comforts*, do mesmo autor. Durante duas décadas, tal não se voltaria a repetir, já que todos os filmes seguintes da dupla arrecadaram óscares – as curtas *The Wrong Trousers* (1993) e *A Close Shave* (1995) e a longa-metragem *The Curse of the Were-Rabbit*, vencedora do prémio para melhor filme de animação de 2005. O último filme dos dois personagens

data de 2008 e levou o título de *A Matter of Loaf and Death*.

Discografia dos Beatles disponível em pen. A obra completa dos *Fab Four*, recentemente remasterizada, vai ser colocada numa pen-drive de 16 gigabytes da qual serão produzidas 30 mil cópias. Além dos 14 álbuns, textos de contextualização histórica, notas de estúdio extensas, fotografias raras e 13 mini-documentários sobre os álbuns de estúdio serão também colocados na pen, que terá a forma de uma maçã e levará o logótipo dos Beatles.

Objectos de Variações renderam 35 mil euros. O valor foi apurado num leilão que decorreu no Centro Cultural de Belém e que disponibilizou 200 lotes, cuja base de licitação foi dos dez aos mil euros. Foram arrematados artigos pessoais, discos e manuscritos pertencentes a António Variações, naquela que foi a primei-

ra iniciativa deste género feita em Portugal. Foram vendidas oitenta por cento das peças.

Primeira edição de A Origem das Espécies encontrada ao fim de 150 anos. O livro foi a leilão no passado dia 24 de Novembro, depois do actual dono, cuja família o comprara no final dos anos 60, ter percebido que o livro que guardava numa estante da sua casa de banho era, afinal, uma edição original. O livro publicado por Charles Darwin em 1859 é um dos mais importantes da história da Ciência e rendeu mais de 100 mil euros.

Ó vence Prémio Portugal Telecom de 2009. O livro do brasileiro Nuno Ramos destacou-se de entre as dez obras que integravam a lista dos finalistas, onde se encontravam quatro autores portugueses e seis brasileiros. Depois de Ó ficaram *Acenos e Afagos*, de João Gilberto Noll; e *A Arte de*

Produzir Causa sem Efeito, de Lourenço Mutarelli. O Prémio Portugal Telecom de Literatura em Língua Portuguesa é um dos mais importantes prémios literários brasileiros e é conferido aos três melhores livros originalmente escritos em língua portuguesa, publicados no Brasil.

Sítio Ciberdúvidas passou a ser referido na Linguist List. O sítio foi criado em 1997, tem o envolvimento da Sociedade da Língua Portuguesa e é um espaço de esclarecimento sobre todas as dúvidas à volta da língua portuguesa – desde a ortografia e gramática até as origens etimológicas e históricas de palavras e expressões ou ao aportuguesamento das novas palavras entradas por via do inglês. Agora passou a ser referenciado na Linguist List, da Universidade de Michigan (EUA), a maior rede social de linguistas do mundo. Alojado em <http://linguistlist.org>, esta lista é o único sítio na Internet que agrega toda a informação linguística existente. A proposta de integração do Ciberdúvidas foi aceite em cinco dias.

AA